

Uma equipe reduzida

Comandar a superintendência do Iphan no DF não é tarefa fácil. Há apenas quatro empregados e oito estagiários. A verba é pequena: em 2004, serão R\$ 240 mil — R\$ 200 mil a mais do que no ano passado. “Mas Brasília não tem grandes obras para restauração, por isso a verba é menor do que em cidade como Ouro Preto”, justifica o diretor de Planejamento do Iphan, Sérgio Abrahão.

Ex-presidente do Iphan e filha do urbanista Lucio Costa, Maria Elisa Costa admite que o órgão tem dificuldades estruturais há anos. “Meu pai dizia que os rastros que ficaram da nossa história são um álbum de família da humanidade. É o que o Iphan tenta preservar”, compara. “Mas não se protege patrimônio sem quadro técnico”, completa o presidente do Instituto de Arquitetos de Brasília (IAB), Otto Ribas.

A partir de segunda-feira, Alfredo Gastal começa a frequentar o Iphan-DF para definir prioridades. “Não farei nada sozinho. Os desafios serão enormes. Mas aceitei porque passei um terço da minha vida em Brasília. Chegou a hora de devolver à cidade um pouco do muito que ela me ofereceu”, disse o arquiteto, que foi colaborador de Oscar Niemeyer e é especialista em desenvolvimento urbano e gestão ambiental. (A.F. e A.H.P.)